

#3 DIFERENCIAL

Maio de 2017

#ENTREVISTA PSEM

(pág. 3)

#INQUÉRITO:

VALOR DAS PROPINAS

(pág. 5)

#ENTREVISTA:

OS TRUQUES DA

IMPRENSA PORTUGUESA

(pág. 7)

**#LUÍS MÁRIO LOPES: DO IST
PARA O CINEMA**

(pág. 10)

**#DEFICIÊNCIA: TESTEMUNHO DE
UM EX-ALUNO**

(pág. 12)



“Não há duas sem três” assim reza o adágio popular. Pois bem, aqui vos apresentamos a 3ª edição de 2016/2017 do Diferencial.

Arrojada e interventiva esta é a edição que atesta a maturidade do jornal neste ano letivo. Numa altura em que um movimento encabeçado pela AEIST pretende lançar o debate sobre a gratuidade das propinas - “Rumo à propina Zero” - fomos tentar perceber em que lado da barricada se encontra a maioria dos estudantes do IST. São os resultados de uma sondagem online que partilhamos nesta edição.

E como o Diferencial não pode deixar de honrar a sua génese eminentemente jornalística, continuamos a nossa demanda de entender os desafios e as dificuldades do bom jornalismo no séc. XXI. Numa entrevista incisiva e pertinente, um dos coordenadores da página “Truques da Imprensa Portuguesa” elucida-nos sobre as venturas e desventuras de uma das páginas do Facebook mais partilhadas e citadas dos últimos anos.

Endurance automóvel, de que se trata? Será que há alguém no Técnico especialista nesta área? Há! E estão todos no PSEM, um dos projetos de alunos do IST, que mais frisson tem feito dentro (e fora) dos muros da nossa escola. Para fecharmos esta edição, continuamos a falar de mobilidade. Mas esta um bocadinho diferente da última.

Mobilidade reduzida.

Já nos habituámos a ver as rampas e elevadores que povoam aqui e ali o campus da Alameda, mas como será a relação de um estudante com mobilidade reduzida com estas instalações? O Filipe, ex-aluno de Engenharia Biológica e portador de deficiência, contou-nos a sua história.

Afonso Anjos

DIREÇÃO

Afonso Anjos, Francisco Moreira de Azevedo e Inês Mataloto

REDAÇÃO

Afonso Anjos, António Silva, Ana Lúcia Tiago, Beatriz Silveira, Francisco Moreira de Azevedo, Francisco Duque Lemos, Gil Gonçalves, Inês Mataloto, João Santos, José Pedro Lopes, Miguel Martinho, Miguel Ferreira, Miguel Rodrigues dos Santos, Rafael Rodrigues

REVISÃO

Ana Lúcia Tiago, Inês Mataloto e Miguel Martinho

GRAFISMO E EDIÇÃO GRÁFICA

Afonso Anjos

IMAGEM DA CAPA

Gonçalo Ferreira

GESTÃO DE PLATAFORMAS ONLINE

Francisco Moreira de Azevedo

APOIOS



* - O Jornal Diferencial é escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, mas, conforme a escolha de cada redator, os artigos que não seguirem essa regra serão assinalados com um asterisco no subtítulo.

diferencial.tecnico.pt

O NOME DAS COISAS

O nome das coisas reflecte o imaginário colectivo das pessoas. Por outro lado, os nomes que as coisas têm também influencia o imaginário de quem faz uso deles. O nome das coisas é, por isso, uma conversa entre imaginários de gerações diferentes. Nesse sentido, quando damos nomes às coisas importa reflectir acerca da mensagem que esses nomes vão levar para o futuro.

por César Bombarda

Aos 25 anos, a dona Graciete mudou de casa. Deixou para trás o concelho de Loulé, onde nascera, e foi morar para uma pequena vila, não mais de 2000 habitantes, a poucos quilómetros do Porto. Esta migração deu-se nos anos 80 e por razões profissionais: a algarvia rumou a norte para ir trabalhar no posto dos correios. Naquela altura, grande parte da comunicação era feita por via postal, e por isso o posto dos correios era central na vida da vila. Conta quem conheceu esta senhora que era alguém de trato fácil, uma mulher competente e amigável. Num meio tão pequeno, é natural que o ofício se confunda com o oficial e por isso, após 20 anos de serviço e pouco após a sua morte, as pessoas daquela vila decidiram que não queriam esquecer o tempo em que ir aos correios era sinónimo de ir falar com a dona Graciete. Hoje, a rua onde se localiza o posto dos correios tem o nome da histórica funcionária.



Conto esta história, verídica, para ilustrar uma das propriedades dos nomes das coisas, nomeadamente a capacidade de guardar memórias. E as memórias que os nomes guardam vão muito além dos nomes em si; essas memórias forçam a evocação do significado dos nomes. Assim, os nomes das coisas são como que um correio do tempo: os nomes que as coisas têm são memórias que as pessoas do passado fazem chegar ao presente e os nomes que nós damos às coisas são as memórias que enviamos para o futuro. Foi assim com a rua da dona Graciete, com as amêijoas à Bulhão Pato ou o penálti à Panenka: tudo isto exemplos de associação entre uma característica da coisa e a coisa em si, neste caso aquele prato de amêijoas que era muitíssimo apreciado pelo escritor

Raimundo António de Bulhão Pato ou o estilo de execução de penálti popularizado pelo checo Antonín Panenka, respectivamente. Assim, os nomes das coisas resultam da cristalização de uma época, do imaginário dos que deram os nomes às coisas e dos valores então cultivados. Portanto, não me parece que seja muito errado olhar para os nomes que se escolhem como que se tratassem de mapas da consciência colectiva dos que vivem num dado momento histórico.

Há algum tempo houve um aeroporto que mudou de nome e esse processo, creio eu, ilustra bem o que acabo de dizer. Em 1945, foi inaugurado o Aeroporto de Pedras Rubras. O aeroporto recebeu o seu nome da freguesia onde se situa, no concelho da Maia, cujo nome deriva da cor das pedras que se encontravam naquela zona. Em 1990, o aeroporto passou a chamar-se Aeroporto Francisco Sá-Carneiro uma vez que, 10 anos antes, foi o destino nunca alcançado de uma trágica viagem de avião que vitimou o então primeiro ministro. Os menos distraídos que embarquem ou desembarquem neste aeroporto, vão procurar saber quem foi Francisco Sá-Carneiro; vão ler que foi alguém que lutou pela implementação de um regime democrático em Portugal e vão ler acerca do acidente que lhe pôs fim à vida; vão ficar a saber que foi determinante na história recente do país e que a sua vida teve impacto directo na vida de milhões de portugueses. Se, porventura, voarmos do Porto para a Madeira, vamos ficar a saber que, actualmente, a fasquia para a atribuição de nomes a aeroportos baixou bastante.

*não escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico



PSEM: UM PROJETO SOBRE RODAS EM QUE O CÉU É O LIMITE

O PSEM, um projeto inteiramente desenvolvido por estudantes do IST, tem dado cartas no mundo das provas de 'endurance' automóvel. Decidimos falar com o Pedro Diogo, coordenador do PSEM, para sabermos um pouco mais deste projeto.

por Afonso Anjos

Dif: Boa tarde, Pedro, muito obrigado pela disponibilidade. Diz-me, em que consiste o PSEM?

PD: O PSEM é uma equipa de estudantes do IST que, anualmente, constrói um carro elétrico altamente eficiente. Somos compostos por alunos de Engenharia Mecânica, Electrotécnica e Aeroespacial, mas também já tivemos membros de Engenharia dos Materiais e Informática. Anualmente, concorremos nas provas da Greenpower Education Trust, no circuito de Rockingham em Inglaterra. Esta prova é de endurance: todos os carros correm numa pista, durante uma hora, e vence quem tiver completado o maior número de voltas. Todos os carros entram em prova com a mesma bateria e motores, pelo que, para conseguirmos ganhar, temos de ponderar fatores como o peso e aerodinâmica do veículo.

Dif: Conta-nos como é o dia-a-dia no PSEM e quais são as ocupações de um colaborador?

PD: Internamente, estamos divididos em três grandes grupos: comunicação, responsável pela logística da equipa e recursos e por garantir apoios externos ao projeto; Projeto Mecânico, que projeta todos os sistemas mecânicos e estrutura do protótipo; Eletrónica, que desenvolve toda a parte da potência do motor e telemetria. As tarefas a levar a cabo no PSEM são variadíssimas

e dependem um pouco da fase em que o projeto está. Normalmente, a equipa trabalha no nosso laboratório no Pavilhão de Mecânica III, inicialmente, a projetar o nosso modelo em SolidEdge, a construir os vários componentes do protótipo e, por fim, testa-lo para garantir um bom desempenho em pista. O ambiente não é nada formal, toda a gente da equipa se conhece e a relação entre membros é bastante boa.

Dif: O PSEM soma um longo historial de participações em concursos. Qual é o vosso palmarés?

PD: Até agora contamos com três participações nas provas da Greenpower. Em 2015, ficámos em 14º lugar na prova e vencemos o Siemens Engineering and Design Award, atribuído à equipa com o melhor projeto do ponto de vista da engenharia. Em 2016, ficámos em 25º lugar e vencemos, de novo, o prémio de projeto.

Dif: A nível organizacional, quais têm sido as vossas maiores ajudas?

PD: Atualmente, contamos com o apoio do Técnico, tanto monetário como pelo espaço que nos cederam, mas também com a ajuda da Siemens PLM que desde 2013 nos apoia como main sponsor e através do uso do SolidEdge para o projeto em CAD. Todo o nosso projeto só é possível em virtude

do apoio de diversos patrocinadores, tanto a nível de material como de serviços que nos permitem construir este protótipo e sem os quais o projeto não sobreviveria.

Dif: Sou estudante do IST e gostava de fazer parte do projeto. O que tenho de fazer para entrar e quais são os requisitos de entrada?

PD: De momento, não estamos a aceitar candidaturas, mas todos os anos fazemos uma sessão de recrutamento depois do primeiro semestre começar. Podes ficar atento ao nosso Facebook ou enviar-nos um e-mail (psemportugal@gmail.com) para visitares os nossos laboratórios e ficares a saber um pouco mais sobre a equipa. Para entrar no projeto só precisas de ser aluno do IST e ter vontade de trabalhar e aprender. Não olhamos ao curso nem ao número de matrículas.

Dif: Há académicos que dizem que a sustentabilidade será uma parte essencial da sexta revolução tecnológica. Onde entra a parte da sustentabilidade no vosso projeto e qual pensam que pode ser o vosso papel nesta revolução?

PD: Muito do que se fala hoje em dia em relação à sustentabilidade passa pela poupança de recursos energéticos e por dar preferência a fontes de energia mais ecológicas. Neste sentido, apesar do nosso carro ser movido por um motor elétrico e duas baterias de 12V semelhantes às dos automóveis comuns, a prova é de endurance e a gestão de consumos é essencial durante a hora de prova. Para além de a equipa ser composta por futuros engenheiros que são formados já com um mindset bastante orientado para a sustentabilidade global, os requisitos da prova incutem nos nossos membros, de uma forma muito positiva, a importância da gestão de recursos. Assim, o nosso contributo passa por dar este treino adicional aos nossos membros para que, no futuro, adotem uma filosofia de projeto mais ecológica e não se prestem a consumos desmesurados de energia ou de outros recursos, principalmente tendo em conta o aumento exponencial de consumo na indústria mundial e ainda mais nos carros elétricos, que já começam a surgir. No fundo, queremos provar que há melhores formas de ir de A para B do que com um jipe de três toneladas com motores de

combustão interna.

Dif: Sendo assim, donde surgiu a ideia de criar um projeto de sustentabilidade energética móvel?

PD: O desafio foi inicialmente lançado pela Siemens PLM ao Técnico e acolhido pelo nosso professor responsável João Dias, do DEM, e consistia precisamente em construir um carro elétrico usando o SolidEdge. Claro que, com os desafios que um projeto deste tipo levanta e as participações nas sucessivas competições, o entusiasmo vai crescendo, e procuramos todos os anos dar um passo em frente. Há dois pontos de interesse comuns à equipa toda: o projeto de engenharia e o desporto automóvel. Poder estar mais envolvido nestes dois meios, ao mesmo tempo que se faz o curso, tem vindo a provar-se como uma oportunidade de grande interesse pelos alunos, e isso comprova-se pelo crescimento das sessões de recrutamento.

Dif: Apesar de ser um projeto sobre rodas e sobre terra, podem dizer que o limite é o céu? Quais são as ambições do PSEM?

PD: O limite são as regulamentações da prova, que são relativamente apertadas!

A curto prazo, a nossa grande ambição é ter um bom desempenho em pista e conquistar consistentemente lugares no pódio. Depois disso podemos pensar em expandir a nossa estrutura interna para competir noutras competições para além da Greenpower, mas esses planos já são a prazo mais longo.

Dif: Em jeito de despedida, queres lançar algum repto aos estudantes do IST?

PD: Estamos sempre à procura de novos talentos e de pessoas que queiram aprender mais. Queremos levar o nosso projeto mais além e para isso precisamos de pessoas ambiciosas e interessadas. O que aprendemos aqui é que o pior mal do estudante é ficar quieto. Ir à procura, experimentar, errar e corrigir são aspetos fundamentais para um bom desenvolvimento enquanto futuros engenheiros, e estas competências são altamente valorizados no mercado de trabalho e são em grande parte promovidas no PSEM.

INQUÉRITO: CUSTO DAS PROPINAS

O Diferencial realizou um inquérito, divulgado via página do Diferencial e grupo de facebook do Técnico, para saber qual a opinião dos alunos sobre o valor das propinas como resultado da tomada de posição da AEIST. *

por João Santos

Em continuação do artigo da edição de Março, sobre a adesão da AEIST ao movimento estudantil pela Propina Gratuita e recém proposta do Bloco de Esquerda para extinguir o custo destas em três anos, o Diferencial realizou uma sondagem em vista a inferir a distribuição das opiniões sobre este assunto na comunidade estudantil do Técnico. A decisão, apesar de, por palavras do Presidente da AEIST, ainda precisar de ser aprovada em Assembleia Geral de Alunos, já foi executada.

No inquérito elaborado, a primeira pergunta (figura 1) prendia-se com a opinião pessoal sobre o valor actual das propinas, tendo a maior percentagem de respostas incidido na opinião de que estas deviam ser mais baratas, ainda sem serem gratuitas.

A segunda situação mais encontrada foi a concordância com o valor pago actualmente, ao mesmo tempo que, em complemento, 61% acham que as propinas devem ser mais baratas ou gratuitas. Só 4,9% dos estudantes acharam que estas deviam ser mais caras e 1,2% acharam que deviam ser muito mais caras.

Figura 1 - Distribuição das respostas à pergunta: Qual das seguintes respostas representa melhor a tua opinião sobre o valor das propinas?

- Deviam ser gratuitas.
- Deviam ser mais baratas.
- Concordo com o valor actual.
- Deviam ser mais caras.
- Deviam ser muito mais caras.

Na pergunta complementar (figura 2), independentemente da resposta à anterior, 58,2% dos inquiridos justificaram a sua resposta com o facto de que o valor das propinas deve ser adequado de forma a garantir a qualidade das condições de ensino.

Na opção de resposta aberta foram recebidas ainda opiniões livres, das quais não conseguimos mostrar todas. Apresentamos algumas, de forma anónima.

Além das opiniões de carácter ideológico e das que incidiram na interpretação da constituição portuguesa -, que opinam directamente sobre se as propinas deverão ou não ser gratuitas por direito - foram obtidas também respostas dinâmicas como, por exemplo, o valor das propinas ser correlacionado com o aproveitamento do aluno, estas serem gratuitas durante o período que é previsto como natural para completar o respectivo curso, e, ainda, variar o seu valor conforme o escalão de rendimentos ou tamanho do agregado familiar.

Indiscriminadamente, recolhemos os excertos, apresentados na página seguinte, que reflectem os principais argumentos que apoiaram a decisão dos participantes.

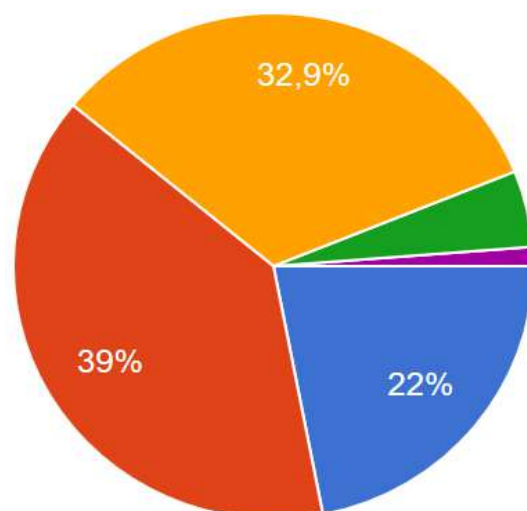
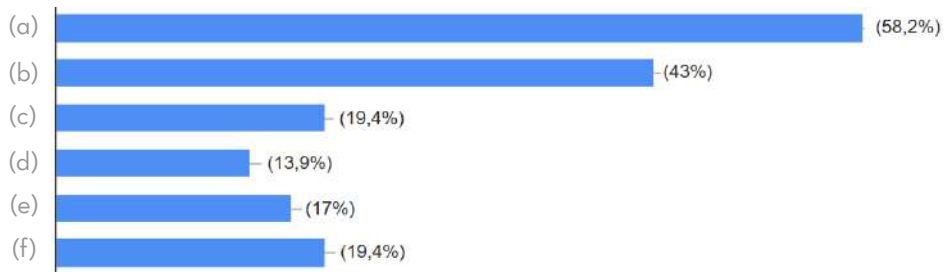


Figura 2: Resposta à pergunta de resposta múltipla com opção livre:
Quais das seguintes opções complementam melhor a tua opinião:



- (a) O valor das propinas deve ser adequado de forma a garantir a qualidade das condições de ensino.
 (b) O valor das propinas devia variar conforme o escalão de rendimentos.
 (c) Tornar as propinas gratuitas pode prejudicar a estabilidade do mercado de trabalho.
 (d) O valor das propinas não se adequa à carga fiscal em vigor em Portugal.
 (e) Não é a discussão que ache mais importante sobre a Educação em Portugal.
 (f) Outra - Resposta aberta.

“- A discussão deveria ser em torno das condições necessárias para a obtenção de bolsa social e da criação de novos protocolos que possibilitem a existência de novas bolsas.”

“- A educação é a ferramenta mais importante na mobilidade social. Como tal, deveria ser completamente acessível para todos.”

“- A existência da propina é um incentivo a concluir o curso. Passando a ser gratuita, este incentivo deixa de existir, e o nível de aplicação dos alunos pode baixar. Na minha opinião, o valor da propina deveria ser adaptado tendo em conta as condições socioeconómicas e o rendimento académico, sendo que maus alunos com boas condições deveriam pagar mais.”

“- Toda a gente deve ter as mesmas oportunidades.”

“- Com excepção de cursos como Engenharia Informática, as propinas contribuem para a compra de equipamentos necessários a outros cursos. Se é suposto o IST evoluir enquanto faculdade a nível nacional e internacional, é preciso que todos os cursos sejam bons, não só alguns. Os subsídios do estado são cada vez mais baixos para o mesmo número de estudantes. O Técnico está a ficar velho e a verdade é que, apesar de tornar as propinas gratuitas permitir o acesso de mais gente ao ensino superior de qualidade, também torna as condições, para quem cá está e para quem cá vem no futuro, piores.”

“- Todos os cidadãos têm direito à educação.”

“- Não devia haver propinas, porque a educação em todos os níveis de ensino deve ser gratuita, conforme o que é constitucionalmente definido, já que a educação deve ser uma aposta do país a todos os níveis, além de representar um investimento com retorno a longo prazo.”

“- O Estado social português não pode suportar mais despesas.”

“- O valor das propinas deve ser pago durante os 3/5 anos de duração do curso. Após este período, ficam a cargo do estudante. [Devia] variar com o escalão de rendimentos e sucesso académico.”

“- As propinas deveriam ser gratuitas ou deveriam ter um valor irrisório, pois, de acordo com o governo, nós mais tarde iremos integrar os quadros do nosso país. Pela mesma razão, é necessário que sejam pelo menos valores mais baixos, para que todos nós (alunos) estejamos em “pé de igualdade”, ao invés de uns terem que arranjar trabalho e outros não.”

“- As propinas deveriam ser proporcionais aos rendimentos, dando oportunidade aos sujeitos com menos rendimentos de ter propinas tendencialmente gratuitas. Os sujeitos com maior capacidade económica deveriam ter uma propina mais alta, podendo haver assim um maior investimento no Ensino.”

ENTREVISTA AO “TRUQUES DA IMPRENSA PORTUGUESA”

por Miguel Martinho

Os desafios no caminho da comunicação social*

No seguimento do artigo sobre o jornalismo na nova era, convidámos as pessoas responsáveis pela página “Truques da Imprensa Portuguesa” para uma entrevista sobre as suas perspectivas relativamente aos desafios da imprensa e, como não podia deixar de ser, abordámos também o projecto que têm vindo a desenvolver.



Antes de discutirmos mais a fundo os desafios que o jornalismo enfrenta actualmente, gostaria de começar por vos perguntar, estando fora do mundo do jornalismo, o que é um jornalista e qual o papel que este deve desempenhar?

A nossa perspectiva é a perspectiva de leitor, de público, construída de forma relativamente empírica. Nós achamos que o jornalismo, em geral, e o papel do jornalista, em particular, é fundamental, porque é o intermédio entre a realidade e o público, constitui-se como uma charneira entre aquilo que acontece e aquilo que é dado a conhecer sobre uma dada realidade - por isso mesmo é tão importante que seja criticado, reflectido e revisto, e é isso que nós tentamos fazer.

De onde surgiu a decisão de criar este projecto? De um juízo de que existe um desvirtuamento do jornalismo português?

Não, nós temos uma visão crítica em relação ao estado do jornalismo, mas não temos uma perspectiva catastrofista sobre o mesmo. É verdade que o mundo do trabalho no jornalismo enfrenta problemas muito grandes, o modelo de negócio de empresas de comunicação social enfrenta desafios enormes, há muita gente a discutir e a reflectir sobre isso, e há problemas muito específicos que estão a ser colocados nesta altura. Nós temos referido, de forma sistemática, quais são esses problemas: o problema das fontes, da pressão, da quantidade de trabalho, da necessidade de publicar cada vez mais rapidamente. Enfim, há um mar de problemas

que nós procuramos explicar e demonstrar sempre através de exemplos concretos, essa é a nossa filosofia.

Uma crítica que costumam apontar frequentemente nos vossos posts, é o facto de existir um certo consenso entre jornalistas em colocar a responsabilidade da dificuldade em fazer bom jornalismo nas redes sociais e em apontá-las como um antro de notícias falsas...

Não é bem isso que dizemos. Existe a perspectiva por parte de alguns jornalistas, e começa a cultivar-se essa ideia, de que as redes sociais são um problema, são um inimigo do jornalismo. Isso não é necessariamente assim, não acho que exista uma espécie de dicotomia, de guerra, entre o jornalismo que defende a verdade e as redes sociais que defendem a mentira. Ora, se as redes sociais são espaços onde, de facto, prolifera muita mentira e muitas notícias falsas, sendo as eleições norte-americanas um bom exemplo disso, são também um espaço de muita crítica, que permitiram o surgimento de novos protagonistas e onde toda a gente pode dar a sua opinião de forma relativamente igual, não havendo propriamente um exercício de controlo sobre quem pode ou é capaz de o fazer. O intermédio da imprensa muitas vezes estabelece quem tem acesso a esse espaço de visibilidade pública - quem são os opinion makers, quem são os protagonistas - e as redes sociais eliminam isso. Do nosso ponto de vista é bom, é uma vantagem.

“Existe a perspectiva por parte de alguns jornalistas, e começa a cultivar-se essa ideia, de que as redes sociais são um problema, são um inimigo do jornalismo.”

“O clickbait pode enganar o público nos próximos tempos, (...) mas lentamente vai desgastando a credibilidade da imprensa tradicional, que é o seu principal capital.”

Mas um jornalista, que há dez ou vinte anos, tinha um monopólio da informação, vê-se agora condicionado pelo facto de qualquer pessoa poder ser um “jornalista” e divulgar as notícias de uma forma muito mais rápida do que um meio de comunicação tradicional...

Mas nós discordamos desse processo. Achamos que aquilo que pertence ao mundo do jornalismo deve continuar a ser exclusivo do mundo do jornalismo, não pretendemos disputar, com a página que temos, o seu universo. Se alguém tenta substituir, isso não faz sentido, é uma profissão que requer instrumentos, seja do ponto de vista formal, seja do ponto de vista intelectual. O jornalismo deve ser respeitado e deixado aos jornalistas. As redes sociais, por si, são uma estrutura, que pode ser utilizada para o bem ou para o mal, aliás como a própria imprensa, que não é inerentemente boa. As redes sociais são uma estrutura onde existe tudo, porque é onde estão todas as pessoas de todos os tipos. Essa correlação directa entre as redes sociais e as notícias falsas, para nós, é errada e desonesta do ponto de vista intelectual.

Se grande parte do público recorre às redes sociais para receber notícias, o controlo e a visibilidade que os media têm acaba por se diluir um pouco na amálgama de informação da rede social. Essa descaracterização e omnipresença das redes sociais não se vai reflectir numa transformação do comportamento dos media tradicionais?

Compreendemos que isso é um grande desafio e que deve ser feita uma reflexão urgente, mas esta não deve ser feita por nós. Agora, nós achamos que este desafio não deve levar os jornais ao clickbait, porque isso só funciona a curto prazo. No fundo, o clickbait pode enganar o público nos próximos tempos, dias, meses, anos, e conduzir a mais venda de publicidade, mas lentamente vai desgastando

a credibilidade da imprensa tradicional, que é o seu principal capital. Se abdicam deste capital, então é inevitável que mais ou menos lentamente se acabem por destruir enquanto projecto de jornalismo.

Mas uma empresa de comunicação social, enquanto negócio, não pode esquecer quais as características do público para quem comunica. Se o público tem mais interesse em notícias sensacionalistas, em notícias que se foquem no futebol ou no mundo das celebridades, existirá uma tentativa de dirigir a sua linha editorial para que seja mais atractiva para essa parte mais significativa do público...

Sim, mas isso é uma questão de ética profissional. Não significa que a comunicação social tenha de capitular perante isso. Não acreditamos que é um mau público que faz uma má imprensa. É uma má imprensa que faz um mau público e um mau público que faz uma má imprensa. É uma situação de circularidade. O Correio da Manhã tem uma grande tiragem não só porque há muitos leitores a comprar, mas também porque há muitos leitores pouco informados para aceitarem algumas coisas do Correio da Manhã, porque existe o Correio da Manhã a fazê-las. É um processo em simultâneo.

O que acham da comunidade que se formou à volta da página e do seu crescimento?

Nós achamos que é interessante e que de certo modo veio dar razão às nossas críticas. A página é assumidamente um espaço de crítica e de subjectivação. Não queremos dar informação, não nos queremos substituir ao jornalismo. Se a comunidade cresce, significa que há gente a achar relevante esse espaço de crítica.

Relativamente a algumas críticas que têm saído por parte da imprensa em relação à vossa página - sendo o exemplo mais recente o caso

“Uma má imprensa faz um mau público e um mau público faz uma má imprensa.”

com o Ricardo Costa, jornalista do Expresso - o que transparece é uma reacção algo corporativista da comunicação social que não parece ser capaz de encaixar críticas feitas ao meio, e isso é algo que me incomoda, porque numa situação em que a crítica é dirigida à comunicação social, sendo ela própria responsável por informar e servir de plataforma para fomentar a discussão e opinião, pode dar-se o caso de ser parcial em situações que a envolvam...

Sim, quem é o árbitro nessas situações? Não te consigo dizer. Acho que tem de ser o público. Penso que há, de facto, uma reacção corporativista à nossa página. Há muita crítica muito pouco fundamentada. O caso do Ricardo Costa é um exemplo... é capaz de ter feito muitos tweets sobre nós, mas o que encontras nos tweets são só críticas ad hominem e intimidação. Não há nada de concreto. Nós estamos totalmente disponíveis para discutir factos concretos sobre os nossos posts e críticas, e isso às vezes acontece. Se fores ver os comentários, há muita gente que dá posições opostas e nós tentamos dar visibilidade a esse debate. Da parte dos jornalistas, pelo menos de alguns, até porque há muitos a elogiar a página e o trabalho feito, há mais dedicação à destruição da credibilidade e simpatia da página junto do público.

O que acham da qualidade do jornalismo em Portugal? Pensam que o vosso trabalho tem dado frutos no sentido de a melhorar?

Relativamente à qualidade do jornalismo, pensamos que a maior parte dos jornalistas faz um bom trabalho, diário e silencioso, e podemos vê-lo quando abrimos os jornais. Havendo problemas, é necessário destacá-los e discuti-los. No que toca aos frutos do nosso trabalho, nós preferimos deixar essa questão ao público. Queremos acreditar que sim, até porque isso se traduz numa correcção de notícias em resultado da publicação de posts da página. Isso já nos deixa satisfeitos. Se é uma transformação estrutural ou mais de fundo, isso deixamos para os seguidores e leitores.

Consideram que existe um condicionamento do jornalismo português devido a pressões políticas e de grupos económicos? Veja-se o caso angolano, em que boa parte da imprensa portuguesa se manifesta de forma silenciosa sobre acontecimentos que sejam negativos para o actual executivo angolano.

Nós preferimos falar sobre assuntos em concreto. A questão angolana é bastante importante. Nós acompanhámos o caso de Luaty Beirão e verificámos que existia um padrão. Os jornais com capitais angolanos passaram o caso para segundo, terceiro planos, ou às vezes nem isso... quando era um assunto com interesse, do espaço da lusofonia, que tem interesse para o público português. Agora, nós não fazemos esse tipo de acusações, porque não nos cabe a nós nem temos meios para provar essa influência, mas fazemos uma crítica e damos essa informação aos nossos seguidores para reflectirem sobre estas questões da imprensa.

Por que razão se preferem manter no anonimato?

A questão do anonimato não é uma questão fechada, mantém-se em aberto. O anonimato tem a ver em primeiro lugar com a protecção da nossa privacidade, temos vidas privadas que nada têm a ver com o jornalismo, nem somos figuras públicas, e isso podia ser colocado em causa. Ao estarmos a aprofundar temas sobre um poder fundamental da democracia, a imprensa, muitas vezes secundarizado ou esquecido, nós sabemos que a nossa posição nos fragiliza imenso, até porque já recebemos várias ameaças. Em segundo lugar, nós acreditamos que o anonimato é uma questão fundamental, porque funcionamos como gestores de conteúdos, uma vez que cerca de 95% dos nossos posts advêm de sugestões dos nossos seguidores. Que sentido faz assumirmos a autoria de uma coisa quando somos apenas coordenadores de um projecto?

Porém, a questão do anonimato não permite defender, por exemplo, de acusações sobre afiliações partidárias e pode gerar alguma desconfiança...

Sabemos que traria algumas vantagens não permanecer no anonimato. Permitir-nos-ia destruir essas acusações. Mas repara no seguinte, nós não pedimos a ninguém para confiar em nós. Não fazemos ameaças a jornalistas, nem é frequente referirmos nomes de jornalistas. É muito pontual e sempre de forma justificada. Não é um anonimato que esconda um crime ou vergonha. Mas tem, claro, as suas desvantagens. A nossa identidade, para o valor das nossas opiniões, é absolutamente irrelevante. Se as nossas críticas forem mal fundamentadas ou mal dirigidas, elas podem ser expostas e criticadas na mesma, independentemente de quem somos.

LUÍS MÁRIO LOPES: DO IST PARA O CINEMA

por Francisco Duque Lemos

Somos alunos de uma faculdade ligada à ciência e à engenharia. Contudo, certamente muitos de nós têm interesse noutras áreas - como por exemplo os estudantes que dão alguma atenção ao jornalismo no Diferencial - ou, pelo menos, imaginam como seria a sua vida se não tivessem vindo para o IST. Luís Mário Lopes é o exemplo curioso de um ex-aluno do IST que fez carreira noutras áreas. Era um excelente aluno e hoje em dia é um dramaturgo premiado e reconhecido.

Diferencial: Quando veio para o IST, qual era a sua ideia ao vir para uma faculdade técnico-científica?

Luís Mário Lopes: Queria ser investigador científico. Tinha uma ideia romantizada da atividade, acho

que me imaginava a ser um pouco como o pai da Zé da coleção de livros dos Cinco.

A sua paixão pela escrita de argumentos já existia quando entrou no IST?

Não, não existia. Foi só quando estava a terminar o Técnico, perante o medo de poder estar a encurralar-me num tipo de vida que talvez não fosse a que queria ter, que se me manifestaram outros interesses, até então adormecidos em mim; ou então inventei esses interesses e essas paixões, entre elas a da escrita.

Ocorre-lhe pensar que um aluno com uma média de 18,4 valores deveria estar a fazer coisas associadas à ciência?

Não, de modo nenhum. Considero que é muito mais útil e valioso o trabalho - ainda que pouco - que tenho feito ao escrever ficção do que aquele que



tenho feito ao serviço do ensino e da investigação. Aliás, se houvesse esse dever de que fala, então, por maioria de razão, o atual Secretário Geral das Nações Unidas teria de ser outro. A ficção e a política podem por vezes ser tão ou mais nobres e importantes do que a ciência. Podem e devem ser.

Chegou a estar inscrito num curso de cinema, mas resolveu doutorar-se em matemática. Porquê?

Quando terminei o Técnico, candidatei-me ao curso de cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema. Fui aceite, mas acabei por nunca o frequentar. É que, apesar de ter desligado o “piloto automático” que guia grande parte das carreiras bem sucedidas, necessitava de garantir alguma estabilidade económica. Isso e doses relativamente iguais de sonho, de ingenuidade e de desinformação sobre como-é-que-as-coisas-devem-ser-feitas determinaram que eu tivesse um percurso relativamente caótico. Esse percurso conduziu-me, entre outras coisas, a um doutoramento em matemática.

Quando é que começou de facto a seguir uma carreira de cinema?

Não sei se se pode dizer que tenho uma carreira no cinema. Sou autor de argumentos de curtas metragens, realizadas pelo João Mário Grilo, pelo Manuel Mozos, pelo Luís Alvarães (em co-realização comigo) e pela Raquel Jacinto Nunes, e de uma longa metragem que está em eterna pós-produção. Os meus restantes projetos para cinema estão ainda em pré-produção. O primeiro apoio que recebi do ICA (Instituto do Cinema e Audiovisual) para a escrita de argumento foi em 1993, mas só dez anos depois é que começaram a ser produzidos projetos com argumento meu. Foi também por essa altura, passados esses dez anos, que comecei a escrever para teatro.

Qual foi o filme que mais gostou de fazer?

Os filmes com argumento meu que mais gostei de fazer foram o “Não esquecerás”, que o João Mário Grilo terminou há pouco tempo, e o “Directo”, que co-realizei com o Luís Alvarães.

Porque é que foram esses os filmes de que

mais gostou?

Porque considero que, quer um quer outro, são muito bons filmes e porque gostei muito do processo de feitura de ambos.

Qual foi o prémio mais importante que lhe foi atribuído?

Talvez tenha sido o Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva, que foi atribuído em 2011 à minha peça “Traição”. A peça foi depois publicada em Portugal pelas Edições Tinta-da-china e no Brasil pela Funarte.

Do que é que mais gostou nas suas participações em festivais nacionais e internacionais de cinema?

Mais do que qualquer participação em festivais, aquilo que mais gostei que tivesse acontecido, relativamente ao meu trabalho criativo de ficção, foi ter tido um texto meu - “A boa alma” - encenado por quem considero ser o maior criador de espetáculos portugueses: a atriz-encenadora-“alquimista” Mónica Calle. Acabei, aliás, há poucos dias, de publicar esse texto no Facebook (www.facebook.com/aboaalma) para que quem não pôde ver o espetáculo, possa pelo menos - em querendo - ler o texto.

Apesar de ser um dramaturgo premiado, que outras actividades faz a nível de trabalho?

Sou professor do ensino superior politécnico.

Vendo as coisas actualmente, acha que foi útil a sua passagem pelo IST?

Muito útil. O IST permitiu que eu seja professor e que tenha a independência financeira necessária para escrever só o que me apetece e como me apetece. Para além disso, não tenho dúvidas de que o meu processo criativo ficcional é bastante contaminado pelo científico (e vice-versa) e de que o meu “método criativo” é formado em grande parte pelo que aprendi enquanto estudante do IST e também enquanto professor (não só no modo-de-fazer, mas também, por vezes, no próprio conteúdo).

DEFICIÊNCIA: TESTEMUNHO DE UM EX-ALUNO

Durante cinco anos frequentou as diversas instalações do IST. Foi testemunha na primeira pessoa de que o IST possui condições físicas e humanas para acolher alunos portadores de deficiência. Mas há ainda espaço para a realização de melhorias. Ninguém melhor que os próprios portadores de deficiências motoras para nos falar sobre este assunto.

por Filipe Gomes Ferreira

Quando um jovem é colocado perante a escolha de um curso superior, enfrenta, naturalmente, uma grande indecisão. As opções sobre o que quer fazer no futuro, a média de entrada, o número de vagas, as notas que obteve no ensino secundário, a localização da faculdade e do alojamento, caso esta fique fora da sua zona de residência. São muitos os fatores que podem condicionar esta decisão.

Mas, se ao jovem em causa acrescer o facto de ter mobilidade reduzida, nomeadamente deslocar-se numa cadeira de rodas, então existem fatores adicionais a ter em conta nessa escolha e que estão, muitas vezes, fora do seu controlo ou âmbito de resolução.

Falarei, a partir de agora, na primeira pessoa, uma vez que estive incluído nesta segunda categoria de estudantes.

O meu maior interesse entre as várias áreas de estudo sempre esteve em redor das ciências, pelo que a escolha de um curso superior teria sempre de passar por algo relacionado com esta área. Obtive classificação suficiente no ensino secundário para ter um leque de opções relativamente vasto. A localização estava limitada à área geográfica de Lisboa uma vez que residia na área metropolitana da capital e teria de me deslocar em viatura própria

adaptada, conduzida pelo familiar que tivesse mais disponibilidade na sua vida profissional para o fazer.

Aquando da escolha do curso e da faculdade, contactei os serviços de orientação de algumas faculdades para averiguar a possibilidade de me candidatar. Laboratórios sem espaço para uma cadeira de rodas e completa inacessibilidade às

instalações, devido à inexistência de alternativas a escadas, foram algumas das limitações físicas encontradas. Além disso fui aconselhado a não me inscrever em certos cursos por possuírem uma vertente prática bastante elevada.

Já um pouco hesitante quanto à possibilidade de seguir a área do meu interesse, contactei os responsáveis do curso de engenharia biológica do IST. Fui imediatamente incentivado a inscrever-me, ainda que este curso tivesse também ele uma

componente prática muito importante.

Durante cinco anos frequentei as diversas instalações do IST com relativa facilidade na maior parte dos casos. A torre sul era onde passava a maior parte do tempo que, tratando-se de um edifício mais recente, possui bons acessos a todas as zonas, com exceção do laboratório de química inorgânica, na parte antiga do edifício, que exigia a entrada pelas traseiras e pelo exterior- onde existia uma escada que tive sempre a possibilidade de transpor, pois o IST adquiriu rampas amovíveis



“Fui aconselhado a não me inscrever em certos cursos (...) contatei os responsáveis do curso de Engenharia Biológica do IST. Fui imediatamente incentivado a inscrever-me”

especialmente para o efeito. Os pavilhões de Matemática e de Engenharia Civil, onde me deslocuei, quase sempre para realizar testes e exames, possuem acesso facilitado por elevador a todas as suas zonas. O Pavilhão Central foi aquele que se demonstrou de mais difícil acesso mas, onde, apesar de tudo, conseguia aceder, quando necessário, através da plataforma elevatória que existe na ala direita. No entanto, este tipo de acesso não permite a autonomia desejável e necessária, pois exige a presença de um funcionário para a pôr a operar, que se encontrava numa zona onde me era impossível aceder autonomamente, estando, assim, sempre dependente de terceiros para o chamar.

Também a zona dos serviços administrativos me estava vedada por não ter qualquer acesso por rampa ou elevador.

Existem, na Torre Sul, casas de banho adaptadas. O mesmo não se verifica noutros pavilhões mais antigos.

“No IST encontrei, na sua grande maioria, pessoas disponíveis para ajudar e minorar qualquer dificuldade sentida, desde os funcionários até aos professores e colegas”

O IST tem estacionamento reservado a portadores de deficiência, mas, infelizmente, este era muitas vezes ocupado indevidamente por outras viaturas.

Verifiquei ao longo dos cinco anos que frequentei o IST que as infraestruturas possuíam, realmente, condições aceitáveis para receber alunos com mobilidade condicionada. Mas, não só as condições arquitetónicas são determinantes e facilitadoras da inserção de pessoas portadoras de deficiência motora nos seus locais de estudo ou trabalho mas também os fatores humanos são preponderantes. No IST encontrei, na sua grande maioria, pessoas disponíveis para ajudar e minorar qualquer dificuldade sentida, desde os funcionários até aos professores e colegas. Não querendo referir nomes, receando esquecer alguém, estou grato a todos aqueles que ao longo desses cinco anos me ajudaram no dia a dia e me incentivaram a continuar. Eles saberão quem são.

No entanto, esta ajuda nunca se manifestou na

forma de facilitismo ou simples tolerância. Foram-me sempre atribuídas responsabilidades e deveres, enquanto aluno, idênticas às dos meus colegas. Para quem é portador de uma deficiência, ser tratado de igual para igual é tão importante como a existência de acessos e apoios. É muitas vezes na mudança de

“(...) esta ajuda nunca se manifestou na forma de facilitismo ou simples tolerância. Foram-me sempre atribuídas responsabilidades e deveres, enquanto aluno, idênticas às dos meus colegas.”

mentalidades e nas atitudes que reside a resposta às necessidades dos deficientes.

Em suma, o IST possui condições físicas e humanas para acolher alunos portadores de deficiência. Haverá com certeza espaço para implementar melhorias, as quais devem ser realizadas com a consulta aos alunos portadores de deficiência que já ali se formaram ou estão a formar, pois são eles quem melhor poderá transmitir as dificuldades ainda sentidas.

Resta acrescentar que existe uma lacuna na ligação entre as instituições formadoras e as entidades empregadoras. Ainda não há uma correlação direta entre o sucesso académico e a empregabilidade de pessoas portadoras de deficiência. Faltam ofertas que tenham em conta este fator, pelo menos no que à área científica diz respeito.

“Para quem é portador de uma deficiência, ser tratado de igual para igual é tão importante como a existência de acessos e apoios.”

Falta ainda em Portugal um trabalho de sensibilização para o valor da pessoa com deficiência.

Mudem-se os tempos. Mudem-se as vontades.

Se gostas de **escrever** ou tens algo que gostasses de partilhar com os nossos leitores, **este é o espaço ideal para isso!**

(ESPAÇO EM BRANCO)

Envia-nos o teu texto, proposta ou sugestão para:
diferencial.ist@gmail.com

4	6			2				
9		8					3	4
		3	9		7			
7	9	1		6				3
	4						1	
8				7		2	4	6
			5		8	3		
5	8					1		9
				1			8	5

6		8	5					3
3			2	4				
	4			7				
	3	1					2	
5			1		4			6
	2					4	8	
				8			4	
				5	2			3
	5				1	6		8

SOLUÇÃO DO ENIGMA “DOIS MATEMÁTICOS ENCONTRAM-SE NUMA ESTRADA” DA EDIÇÃO ANTERIOR - MARÇO 2017

Agradecemos aos nossos leitores todas as respostas que obtivemos ao longo dos últimos meses.

Infelizmente, lamentamos desiludir esses e todos os outros que tentaram resolver este enigma, mas a verdade é que o enigma é IMPOSSÍVEL. Ou, por outro lado, existe mais do que uma solução que respeita as restrições/condições do enigma, o que torna, portanto, a solução do enigma indeterminada.

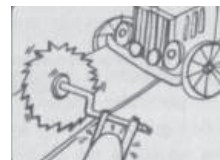
Uma explicação mais detalhada para esta conclusão encontra-se disponível no site do Diferencial: diferencial.tecnico.pt



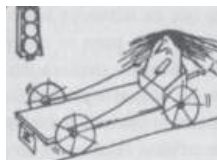
Um advogado, com três filhos, possuía 11 automóveis antigos.



Quando o advogado morreu deixou um curioso testamento: metade dos carros para o filho mais velho, um quarto para o do meio e um sexto para o mais novo.



Todos ficaram confusos. Como podem 11 carros ser divididos em duas partes iguais, ou quatro ou seis?



Enquanto discutiam, eis que chega a Sr.^a Zeta, uma famosa numerologista, guiando um novo carro desportivo.
Sr.^a Zeta: Olá, rapazes! Parece que têm um problema, posso dar uma ajudinha?



Depois de lhe explicarem a situação, a Sr.^a Zeta estaciona o seu bólido ao lado dos 11 carros. Ficando 12 carros no total.



A Sr.^a Zeta executa então os termos do testamento: dá metade dos carros, 6, ao mais velho; ao do meio $1/4$ de 12, ou seja 3; finalmente, ao mais novo, $1/6$ de 12, ou seja, 2 carros.
Sr.^a Zeta: $6+3+2=11$. Sobra um carro, que, por acaso, é o meu. VRUUM!